

ENTRE O ROCK

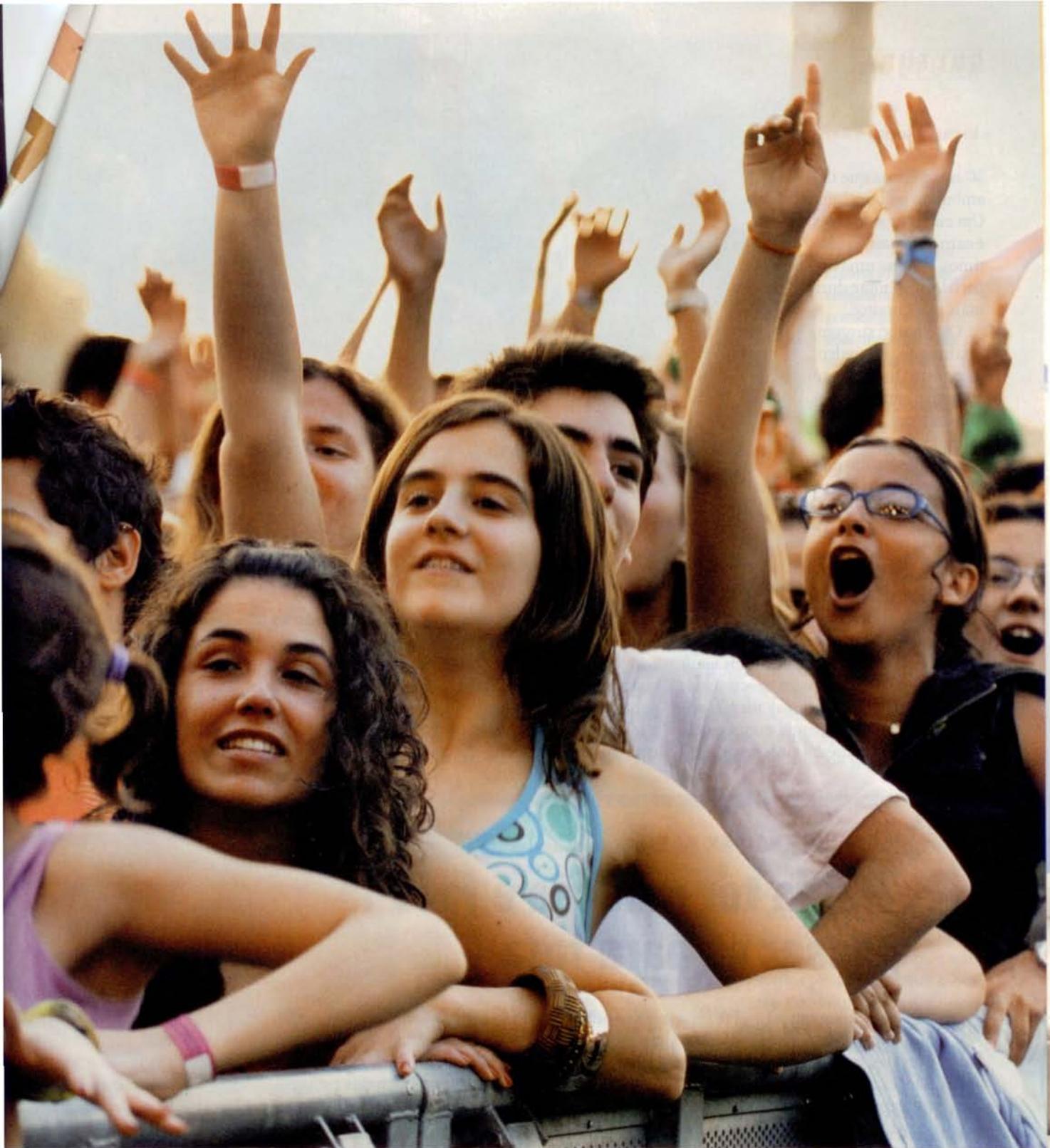


JOSE CARIA

EO RIO

A PRETO E A CORES Os metálicos
desceram ao Trancão, a geração
Morangos invadiu a Bela Vista

Abriu a época dos festivais de Verão, no último fim-de-semana, em Lisboa, com o Super Bock Super Rock e o Rock in Rio a coincidirem nas datas – mas as semelhanças ficam por aí. Viagem a dois mundos paralelos e entrevistas a duas das próximas estrelas a actuar no Parque do Tejo e na Bela Vista



RITA GARMO

LUÍS RIBEIRO E PAULA CARDOSO

AZAREX. NUNCA OUVISTE falar do azarex?» A pergunta é ignorada. O rapaz mantém-se de joelhos, com o isqueiro aceso a centímetros do asfalto. «Não gastes o gás», diz-lhe outro. «Daqui a pouco encontras a pedra e já

não tens isqueiro para a queimar.» Cansado das bocas, desiste, desiludido. Um amigo põe-lhe o braço por cima dos ombros, no consolo possível. «Vá lá, pá. Não te chateies. Afinal, vieste aqui pela ganza ou pela música?»

São dez e meia da noite de sexta, 26 de Maio, segundo dia da 12.ª edição do Super Bock Super Rock (SBSR). Espera-se

que os Placebo comecem o espectáculo. Não há muito para fazer durante os intervalos dos concertos. Aqui, no Parque do Tejo, em Lisboa, passar o tempo é deixar o tempo passar. Os mais prevenidos trouxeram uns baralhos de cartas. A alternativa organizada consiste em duas dúzias de mesas de matraquilhos, que nunca chegam a lotar, apesar das mais de ▶

▶ ENTRE O ROCK E O RIO

30 mil pessoas que deambulam pelo recinto. Um euro por sete bolas é caro. Por mais 50 centimos, bebe-se uma imperial, que sempre dura mais uns minutos.

Os Placebo surgem, finalmente, em palco. A poeira levanta-se quando a multidão segue em passo acelerado na sua direcção. As casas de banho portáteis esvaziam (fica só o cheiro pestilento) e o relvado molhado, junto ao rio Trancão, onde centenas de pessoas se sentam e deitam a descansar, é abandonado. Só as roullotes de cerveja demoram a escoar.

O concerto aquece, com algum *mosh* tímido, quando as músicas desconhecidas do álbum novo dão lugar aos *hits* antigos. O vocalista da banda excita os fãs no refrão de *Black Eyed*: «I was never loyal,

except to my own pleasure zone» («Nunca fui leal, excepto para a minha própria zona de prazer»), canta Brian Molko, enquanto a mão esquerda segura os genitais, para que ninguém duvide do que está ele a falar. A multidão delira. É este o espírito: gestos politicamente incorrectos,

palavras rebeldes e guitarradas rasgadas. O rock continua a ser o que era.

● O TOP DA MODA

Os Guns n'Roses, esses, já não são o que eram. Do álbum de estreia *Appetite*



ROCK IN RIO
Domingo,
4 DE JUNHO,
20h

>> CORINNE BAILEY RAE

'Basta ter emoção e fazê-la passar cá para fora'

Se tivesse seguido a sua primeira vocação musical, é provável que Corinne Bailey Rae, 27 anos, fosse hoje uma excelente violinista. Em vez disso ganhou-se uma cantora e autora que pôs toda a gente a falar dela logo ao primeiro disco.

VISÃO: A sua carreira musical ainda é curta, mas já fez uma bela viagem: de uma banda que tocava um rock indie, quase metálico, ao soul-jazz do seu primeiro disco vai um caminho longo...

Foi uma coisa natural... Já tínhamos alguns sons mais soul, não éramos bem uma banda de metal. Aliás nunca sentimos que pertencíamos à cena indie, ou a outra qualquer. Formei a banda quando tinha 15 anos, e fomos progredindo para um som soul.

Mas foi só quando estive na universidade que encontrou a sua identidade musical. É verdade. Nessa altura trabalhei num clube de jazz e soul e depois do trabalho costumava cantar, de vez em

quando, com os grupos que lá iam. Fiquei apaixonada por este tipo de música. Mas o meu disco reflecte todas estas experiências: para além do soul também lá está o meu passado de banda de guitarras.

Sempre quis cantar ou foi outra «coisa natural» que lhe aconteceu?

Não, sempre gostei de cantar. Na escola, no coro da igreja... Mas sentia que não me encaixava em nada. As cantoras da moda, quando eu era mais nova, eram a Mariah Carey,

ou a Whitney Houston, pessoas com uma voz fantástica, uma técnica maravilhosa... E eu sabia que a minha voz não era poderosa, era frágil, mais subtil, um bocadinho rouca até. Depois, havia a Madonna ou a Kylie Minogue, cantoras mais pop de que eu gostava mas que não conseguia acompanhar quando as ouvia na rádio, era sempre um tom acima! [risos] Fiquei confusa. Depois comecei a ouvir Nirvana, Tricky ou Billie Holiday e percebi que não era preciso ter uma voz polida – bastava ter emoção e fazê-la passar cá para fora. Descobri o meu caminho.

A crítica delirou com o seu disco e, como sempre, exagerou: disse que era a «nova Billie Holiday». Como é que lidou com isso?



BETA CARNO

GRANDE PÚBLICO

Lisboa provou ser suficientemente grande para acolher dois megafestivais no mesmo dia. Na sexta-feira, 26, nem a organização do Super Rock (à esquerda) nem do Rock in Rio (à direita) se queixou

for Destruction, de finais dos anos 80, ao palco do Rock in Rio (RiR), no sábado, 27 de Maio, sobrevive apenas a voz de Axl Rose. O negro dos primeiros adeptos da banda deu lugar a um mosaico de fãs coloridos, Axl passou rapidamente a ídolo das adolescentes. No Parque da

Bela Vista, em Lisboa, são poucos os resistentes vestidos de preto com símbolos metálicos, afogados num mar de *T-shirts* azuis, laranjas, verdes, brancas e de *tops* da moda. «Pelo aspecto vê-se mesmo que é malta que veio ontem à Shakira», brinca o comediante Nilton, contratado por um

patrocinador do festival.

Na assistência, uma loura oxigenada, de chinelos de salto alto, abana a cabeça e é levada em ombros por um amigo. Está eufórica, apesar da dificuldade em coordenar a animação rockeira com a deslocada malinha de gala, o balanço ▶



É bom saber que há pessoas interessadas no que fazemos, mas quando nos dizem que és a «nova isto» ou a «nova aquilo» é só jornalismo preguiçoso. Até se torna um problema para o artista pelas comparações disparatadas.

Para além de cantora é autora das suas canções. Tem algum assunto recorrente nelas?

Acho que há muitas canções de amor no meu disco. Tentei escrever o mais honestamente possível sobre a complexidade das relações amorosas. Não acredito nas canções que dizem «isto é difícil, mas vai haver uma altura em que tudo

desaparece e vivemos felizes para sempre». O amor é mais profundo do que nos dizem essas canções. Quando estamos numa relação há muito tempo percebemos que não somos perfeitos, e que o outro também não o é. O que eu escrevi baseia-se na minha experiência, várias relações em várias fases.

No Rock In Rio vai tocar num palco grande, ao ar livre. Acha que isso prejudicará o lado intimista das suas canções?

Realmente é um ambiente diferente, ainda por cima num festival... Mas vou aproveitar para tocar as minhas canções mais ritmadas, mais divertidas. É sobretudo isso: vou lá para divertir as pessoas e para me divertir também. ■

CORINNE BAILEY RAE

«O amor é mais profundo do que nos dizem algumas canções»

NUNO MIGUEL GUEDES

▶ ENTRE O ROCK E O RIO

das pulseiras de plástico e o descair do top da estação.

O rock perde terreno para os portugueses DZR'T, a brasileira Ivete Sangalo ou a colombiana Shakira. «Não gostamos de barulho», comenta-se entre famílias, replicadas às centenas na enchente do primeiro dia do RiR, a 26 de Maio. Nas zonas mais afastadas das colunas de som, de farnel alinhado na mesa de madeira, ou toalha estendida sobre a relva, avós, pais, filhos e netos formam comboios humanos para circular e empurrar carrinhos de bebé. Os piqueniques funcionam melhor longe dos concertos.

Os pedidos de *encore* imitam o cunho popular do cartaz: «És tão boa! és tão boa!» Shakira actuou sempre perante os aplausos de cerca de 90 mil pessoas. «Muito mais do que um festival de música, o RiR é uma festa», defende Elisabete Monteiro, 53 anos, reformada. É por isso que cá está.

REBELDIA ANTI-VIPS

«Só estou a usar preto até inventarem uma cor mais escura», justifica-se uma *T-shirt*, enquanto o dono tenta conciliar as suas passadas rápidas com o equilíbrio de um enorme copo cheio de cerveja. Três em cada quatro pessoas nos primeiros dias do SBSR expressam a sua individualidade vestindo-se de negro. Em grupos. Nos pés, dividem-se em partes mais ou menos iguais as botas de sola grossa e os ténis gastos. Abundam os *piercings*, os fios com símbolos supostamente satânicos, a maquilhagem gótica, os troncos nus, as tatuagens e os cabelos compridos ou espetados ao estilo punk. Não se vêem camisas aos quadrados nem *tops* cor-de-rosa. E os sapatos de vela não pisam o pó do Parque do Tejo.

Há pouco em comum com o espectáculo que decorre ao mesmo tempo, na mesma cidade, a poucos quilómetros de distância. «Eles não têm rock nem rio!», atira João Paulo Almeida, 16 anos, reclinado na relva e a enxotar os omnipresentes mosquitos. «Nós sim, temos rock

a sério e dois rios [o Trancão desagua no Tejo ali ao lado].»

A mensagem do festival concorrente pouco lhe diz. «As verdadeiras bandas não têm de se juntar a essas coisas para mostrarem que também querem um mundo melhor. Basta estarmos atentos às letras das músicas», explica. «Por exemplo, os System of a Down recusam-se a ir a esses espectáculos comerciais e cantam mensagens contra a guerra e esta sociedade consumista.» Ali ao lado, numa das bancas de venda de roupa do SBSR, vendem-se camisolas dos System of a Down por 20 euros.

patrocinado: as assinaturas fazem parte de campanhas promocionais da Trifene 200 e da marca de roupa O'Neill, a sessão fotográfica inclui publicidade aos perfumes Axe e a conversa ao telemóvel tem o aval da Vodafone. As cabeleiras postizas rosa distribuídas pelo público são do Milenium BCP, e alguns penteados mais extravagantes têm acoplado um CD com o logótipo dos cabeleiros Lúcia Piloto.

A excentricidade não chega perto do palco, onde a postura do público parece desajustada ao espectáculo. Os fãs mostram-se pouco familiarizados com as le-



Mas as *T-shirts* mais procuradas no recinto são as que ostentam frases provocadoras. De todas, a mais vendida declara «*Fuck the VIPs*». Mostrar irreverência anti-sistema contra as tais pessoas, ditas importantes, custa apenas dez euros.

O 'MARKETING' ENTRA EM PALCO

No RiR, pedem-se autógrafos à piloto Elisabete Jacinto e ao surfista Justin Moujica. Tiram-se fotografias ao lado de modelos. Fala-se, de borla, durante três minutos para qualquer uma das redes móveis. Tudo

tras. De fato e gravata, o toureiro Pedrito de Portugal assiste, impávido, aos movimentos de Shakira. O sucesso da colombiana não merece muito mais do que bocas da assistência masculina. Do lado feminino, há quem tente imitar o jogo de cintura da cantora, mas, como diz o mais recente êxito de Skarira, *hips don't lie* (as ancas não mentem). A maioria mostra-se acanhada e com pouco sentido rítmico.

Mas a causa é boa. O lema *Por um Mundo Melhor* aparece em todo o lado, apesar de ter perdido a tenda que, há dois anos, recebeu debates e promoveu campanhas em defesa dos direitos hu-

manos. Ganhou, no seu lugar, algumas bancas de venda de pulseiras. A 50 centavos cada (dos quais 20 reverterem para instituições de caridade) as braceletes formulam desejos: Solidariedade, Respeito, Alegria, Esperança, Optimismo e Paz para o Mundo.

TUDO PELA MÚSICA

Na barraquinha de adereços do SBSR, as pulseiras de couro ou com bicos são os artigos mais procurados. Ana Cláudia Bento, 15 anos, acaba de ajudar um



RITA CARMO

amigo a escolher uma dessas. «Não tem o significado das outras», admite, numa referência às pulseiras de pano do Rock in Rio. «Mas eu gosto mais destas», interrompe Tiago Bastos, 13 anos, a ostentar orgulhosamente o seu novo adorno de pele preta com grandes cones de metal, uma recordação do seu primeiro festival rock. «Tem mais a ver com a música.»

O SBSR tem só a ver com a música. Não há divertimentos paralelos ou actividades para entreter crianças. A diversão favorita de muitos é o *crowd surfing*: ser transportado, de barriga virada para o céu, nas mãos da multidão, desde o ▶

ESTILOS

A rebeldia do Super Bock Super Rock contrasta com o ambiente familiar que se vive no Rock in Rio

▶ ENTRE O ROCK E O RIO

fim da plateia até ao fosso que os separa do palco, onde os seguranças os esperam, atentos. Tudo debaixo do som agressivo do rock pesado de Deftones, Alice in Chains, Tool, Soulfly e Moonspell.

«Isto é tudo malta pacífica», garante um segurança. «Não tenho mais problemas nestes concertos do que nos espetáculos pop.» A seu lado, os *crowd surfers* passam a correr. Conhecem bem as regras do jogo: têm três segundos de glória, mesmo em frente aos seus músicos favoritos, ganham umas nódoas negras e saem depressa, para que os enormes seguranças mantenham os sorrisos benevolentes.

Por mais que custe a quem não aprecia música gritada, era nos concertos do SBSR que estavam os verdadeiros adeptos do rock. «Era incapaz de ir ao RiR deste ano, nem que me oferecessem o bilhete», garante Luís Costa, 24 anos, estudante de Engenharia do Ambiente. «Só estou aqui pelo som. Lá, é tudo mais comercial. Ga-



JOSE CARIA

nham dinheiro enquanto fazem as pessoas sentir-se bem com elas próprias.»

TUDO PELOS BRINDES

«Esperava muito mais», confessa uma das clientes da zona comercial do RiR.

«Há dois anos já estava com o saco cheio de brindes.» Ao fim de meia hora no Parque da Bela Vista, é possível coleccionar sacos, porta-chaves, lenços para a cabeça, crachás luminosos, preservativos e perfumes. Normalmente a troca de um panfleto publicitário.

**SUPER BOCK
SUPER ROCK**
Quarta-feira,
7 DE JUNHO,
21h0

>> KEANE

'O rock não tem só a ver com guitarras'

Depois do mega-êxito com o álbum de estreia *Hopes and Fears* (que em Portugal atingiu a marca de dupla platina) os Keane editam *Under the Iron Sea*, um disco menos imediato e mais introspectivo, que vão agora apresentar ao vivo, em Lisboa. A VISÃO falou com o vocalista Tom Chaplin, 27 anos, sobre a meteórica carreira desta banda britânica com cinco milhões de discos vendidos em todo o mundo.

Depois de um dia inteiro de entrevistas, não deve ser fácil estar sempre a dizer o mesmo. É esta a pior parte da fama?

As entrevistas representam oportunidades de falar sobre o novo álbum e todos nós estamos muito entusiasmados com este disco.

O novo álbum é muito mais denso que *Hopes and Fears*. O que provocou esta mudança?

Foi uma opção nossa. No *Hopes and Fears* tínhamos 8 ou 9 potenciais singles. Era uma coleção de boas canções pop. Já este álbum funciona como uma espécie de viagem interior. Era uma necessidade nossa fazer um disco mais denso, de modo a conseguirmos sobreviver como banda e como amigos. Voltar para estúdio foi muito difícil. Havia uma grande tensão entre nós, que resolvemos compor. Neste disco há canções sobre nós e o modo como a nossa amizade estava a ruir.

Pode concluir-se que a pressão da fama se reflectiu na vossa relação?

A fama é definitivamente um factor de pressão sobre velhas amizades [risos]. Mas não é só a quem toca numa banda que isto acontece. Essa é uma sensação comum a muitas pessoas da nossa geração, a quem está entre os 20 e os 30 anos. É uma altura em que se põe tudo em causa, em que temos de tomar decisões e pensamos sempre se estamos a escolher o caminho certo. Seja no trabalho, nas relações ou simplesmente no nosso objectivo enquanto seres humanos.

Quais são as diferenças entre os rapazes que, há apenas 5 anos, tocavam nos bares de Londres e a banda que faz digressões com os U2 e vende milhões de discos em todo o mundo?

Essa é uma pergunta difícil de responder, porque tudo evoluiu de uma forma inimaginável... Sinto que sou exactamente a mesma pessoa, mas ao mesmo tempo sou obrigado a reconhecer que mudei. Para quem está de fora é natural que se ponha essa questão. Para nós, que vivemos toda essa transformação, não é tão linear. Olhando o nosso percurso de dentro, penso que nos podemos orgulhar de ter sido sempre honestos: connosco, com a nossa música e com os nossos fãs.

Porque é que depois da saída do vosso primeiro guitarrista, nunca mais usaram guitarras na vossa música?

Não necessitamos. Nós somos amigos desde crianças,

RITA CAIRO

MODELOS

À esquerda, um *roadie* ao melhor estilo rocker no Parque do Tejo.

À direita, uma marca de desodorizantes patrocina fotos exclusivas aos clientes do Rock in Rio

Para quem a avalanche de brindes não chega, sobram os expositores das lojas improvisadas em tendas, onde se vendem óculos de sol, livros, havaianas e até fins-de-semana em hotéis. Voltando à solidariedade, também o Gabinete de Jogos da Santa Casa da Misericórdia tem direito a espaço próprio dentro da chamada cidade do rock. Fiel ao espírito RiR: na compra de uma raspadinha os apostadores podem posar ao lado de sócias (não muito bem conseguidos) de estrelas da música mundial. Como Mick Jagger, Madonna, Britney Spears ou Enrique Iglesias.

No espaço VIP não falta um serviço de massagens. Espalhadas por todo o parque, as novas extravagâncias incluem um stand de comida japonesa, onde se vendem pratos de sushi a 20 euros, e pistas de *slide* e *snowboard*. O cenário de um mundo melhor inclui também sorteios de viagens ao Brasil e uma falsa praia paradisíaca. Com areia, esplanada e um ingrediente adicional – a nova Sagres Chop. O rock segue dentro de momentos. ■

crecemos juntos com os mesmos sonhos e trazer alguém estranho para este mundo poderia estragar uma química muito própria que existe nos Keane. Por isso em vez de nos preocuparmos em arranjar um

guitarrista, sentimos que devíamos explorar o que tínhamos. E quem conhece a nossa música sabe que esta é muito mais do que voz, piano e bateria. Por exemplo, o piano é, para nós, muito mais do que

um simples piano, uma vez que é ligado a amplificadores, pedais de guitarras e computadores. É algo que nunca ninguém tinha feito e nos permitiu criar o nosso próprio som. Nesse sentido, ter uma guitarra na

banda até poderia limitar-nos. O rock não tem a ver só com guitarras...

Consideram-se, portanto, uma banda rock?

Sem dúvida. Para mim o rock é uma das mais puras expressões musicais e isso não pode ser limitado ao formato guitarra, baixo e bateria...

É a terceira vez que tocam em Portugal. O que podem os fãs esperar deste concerto no festival Super Rock?

Embora, para nós, a grande excitação seja apresentar os temas novos, podem ficar descansados que vamos também tocar as canções mais velhas [risos]. Espero que as pessoas venham com o mesmo entusiasmo de sempre. ■

MIGUEL JUDAS

KEANE «A fama é um factor de pressão sobre velhas amizades», diz Tom Chaplin

